



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 19/08/2016

<b>BRASIL</b> .....	<b>2</b>
Brasil y EE.UU. cerraron la negociación para liberar el mercado de carnes bovinas .....	2
Brasil podrá habilitar frigoríficos para exportar carnes frescas a Estados Unidos.....	2
ABIEC celebró la apertura del mercado.....	2
Todos los detalles de la apertura.....	2
Reacciones en la industria estadounidense.....	4
Limitaciones que enfrentará Brasil.....	5
Apertura de Estados Unidos transformará la exportación de carne vacuna brasileña .....	6
Hamburguesas sería el principal segmento para los exportadores brasileños .....	6
Moody's estimó impacto favorable sobre las empresas.....	6
Estiman que sus exportaciones podrían duplicarse gracias al acceso a EE.UU.....	7
Bajan los precios de la hacienda en São Paulo .....	7
Alza en los valores mayoristas en el curso de los últimos días .....	7
Crece la brecha entre los precios de la carne y de la hacienda en pie.....	7
Exportaciones de carnes bovinas sumaron 423 millones de dólares en julio de 2016 .....	8
Brasil principal proveedor de la UE en carnes bovinas y pollo .....	8
<b>URUGUAY</b> .....	<b>9</b>
Precios de la industria para el ganado gordo no conforman.....	9
La faena de vacas lecheras sigue alta pero en julio bajó .....	9
Relación flaco/gordo exige una invernada más eficiente.....	10
La cuota 481 generó cerca de US\$ 300 millones.....	11
La recuperación de Rusia para la carne vacuna quedó en espera.....	11
Uruguay se consolidó como el principal exportador de carne vacuna a China.....	11
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>12</b>
Los precios del ganado están en lo más alto del año.....	12
Faena de bovinos se incrementó un 13% hasta julio .....	12
Aumentaron las exportaciones en volumen pero cayeron en valor .....	12
Frigoríficos paraguayos no logran mejorar los precios en Rusia .....	13
Paraguay: concretan los primeros envíos de carne premium al Ecuador.....	13
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>13</b>
Informe del Grupo Especial WT/DS475: Rusia Medidas relativas a la importación de porcinos vivos, carne de porcino y otros productos de porcino procedentes de la UE.....	13
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>15</b>
Mejoran las exportaciones de carnes bovinas en junio .....	15
Baja en el precio de los forrajes estimulará mayor producción de carnes en 2017 .....	15
Cambios en la comercialización de hacienda provocan caos el mercado a futuro .....	16
Remates de hacienda on line volverán a realizarse mientras el gobierno investiga el funcionamiento de los mercados ganaderos.....	17
APHIS coincide con OIE en status de BSE .....	18
<b>VARIOS</b> .....	<b>18</b>
CHINA será más rica y mejorará la demanda de carnes.....	18
AUSTRALIA: Ganado engordado a pasto sufre la mayor reducción en la faena.....	19
CHILE: cambian control de uso de hormonas para incrementar la oferta de ganado para exportación .	19
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>21</b>
JBS formaliza ante la SEC el pedido de registro de JBS Foods International .....	21
JBS Mercosul opina sobre la producción sustentable es el único camino posible.....	21
JBS cierre de planta provoca despidos .....	21
Inauguran primera planta de desosado en el estado brasileño de Acre.....	22



## **BRASIL**

### **Brasil y EE.UU. cerraron la negociación para liberar el mercado de carnes bovinas**

01/08/16 - por Equipe BeefPoint O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) anunciou a conclusão da negociação entre o Brasil e os Estados Unidos para liberação do comércio de carne bovina in natura entre os dois mercados. O acordo foi decidido semana passada, em Washington, durante o IX Comitê Consultivo Agrícola (CCA) dos dois países. A reunião contou a participação do ministro Blairo Maggi e dos secretários de Relações Internacionais do Agronegócio, Odilson Ribeiro e Silva, e de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, entre outros representantes do Mapa. A expectativa é que os embarques comecem em 90 dias, após a finalização dos trâmites administrativos.

Nesta segunda-feira (1º), no Palácio do Planalto, Blairo Maggi e a embaixadora dos EUA no Brasil, Liliana Ayalde, vão fazer a troca de cartas de reconhecimento de equivalência dos controles oficiais de carne bovina entre os dois países. "Esse documento representa o reconhecimento da qualidade de segurança sanitária do Brasil", destacou o ministro.

### ***Brasil podrá habilitar frigoríficos para exportar carnes frescas a Estados Unidos***

Estabelecimentos precisam ter o SIF e cumprir requisitos sanitários norte-americanos

Os frigoríficos interessados em exportar carne bovina in natura para os Estados Unidos deverão pedir a habilitação ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), desde que já tenham o Selo de Inspeção Federal (SIF). A abertura do comércio bilateral do produto foi formalizada pelos governos brasileiro e norte-americano na última segunda-feira (01/08), no Palácio do Planalto.

O Mapa verificará se a empresa cumpre os requisitos sanitários exigidos pelas autoridades americanas. Caso as normas estejam de acordo, o ministério indicará o estabelecimento aos EUA, que dará o aval à importação da carne bovina in natura, com base no acordo de equivalência, após sua homologação em seu site.

Para mais detalhes sobre os procedimentos, o frigorífico poderá consultar a página do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal no site do Mapa.

### ***ABIEC celebró la apertura del mercado***

Entidade vê cenário ainda mais positivo para as exportações brasileiras

Encerrando uma luta de mais de 15 anos do setor, foi anunciado o tão aguardado acordo que libera a exportação de carne bovina brasileira in natura para os Estados Unidos da América (EUA). O acordo entre as duas nações foi firmado no Comitê Consultivo Agrícola Brasil-Estados Unidos, em Washington, durante visita do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, aos Estados Unidos, na última quinta-feira, 29 de julho.

Na tarde desta segunda-feira (1º), em cerimônia no Palácio do Planalto, em Brasília, o ministro Blairo Maggi e a embaixadora dos Estados Unidos, Liliana Ayalde, fizeram a troca de cartas de reconhecimento de equivalência dos controles oficiais de carne bovina entre os dois países, com a presença do presidente da República em exercício, Michel Temer. Tanto o Brasil poderá vender o produto para os norte-americanos, quanto os EUA para o mercado brasileiro, já que seguiram procedimentos de avaliação técnica independentes, que foram concluídos no mesmo período.

O presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), Antônio Jorge Camardelli, acompanhou a comitiva brasileira em Washington e a cerimônia em Brasília, celebrando mais esta conquista para as exportações brasileiras. "A decisão atende à demanda e necessidades do setor e resulta do empenho e esforços conjuntos entre todos os elos da cadeia produtiva da carne bovina e, em especial, dos técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento", afirma Camardelli.

Com o anúncio, frigoríficos de 14 Estados (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins) e do Distrito Federal estarão habilitados a exportar carne in natura.

Atualmente, o Brasil já exporta carne industrializada para os EUA, que é um importante parceiro comercial e lidera o ranking de importadores nessa categoria de carne brasileira. Somente neste ano (janeiro a junho), foram enviadas mais de 15 mil toneladas de carne industrializada brasileira para os Estados Unidos, resultando em um faturamento de US\$ 130 milhões.

Para a carne in natura, o Brasil entrará em uma cota inicial de 64 mil toneladas - que inclui também países da América Central. Os embarques devem ter início em setembro.

### ***Todos los detalles de la apertura***

Mapa, Abiec, Palácio do Planalto, Estadão e MeatPoultry.com, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 01/08/16 - por Equipe BeefPoint

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, e a embaixadora norte-americana no Brasil, Liliana Ayalde, trocaram as Cartas de Reconhecimento de Equivalência dos Controles de Carne Bovina, que marcam a



abertura de mercado para carnes in natura entre os dois países. A cerimônia, no Palácio do Planalto, contou com a presença do presidente em exercício, Michel Temer, e do ministro das Relações Exteriores, José Serra, além de parlamentares ligados à agropecuária e de representantes do setor produtivo.

Temer comemorou o fato de a abertura do mercado norte-americano elevar a produção na cadeia produtiva da carne bovina e, em consequência, contribuir para a geração de emprego no setor.

Maggi ressaltou que o reconhecimento americano será um facilitador para o Brasil conquistar outros mercados, além do americano. “Muito mais do que a possibilidade de mandar milhares de toneladas para os Estados Unidos, é a chance de vendermos também para outros países”, como apão, Canadá e Coreia do Sul.

“Esses países seguem o modelo americano. Também tem alguns países da América Central que não têm sistema de controle e também usam o padrão americano”, explicou Maggi. Segundo ele, só com os EUA, o potencial de receitas com exportações é de US\$ 900 milhões.

O ministro disse ainda que a meta é aumentar a participação brasileira no mercado internacional de produtos agropecuários dos atuais 7% para 10%.

Pelo acordo, o Brasil poderá vender carne in natura (fresca e congelada) para os norte-americanos, e os EUA também terão direito de comercializar o produto para o mercado brasileiro. Isso porque os dois países seguiram os procedimentos de avaliação técnica independentes, concluídos no mesmo período.

Os americanos estabelecem cotas de importação para os países aptos a vender para eles. Segundo a Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio (SRI) do Mapa, o Brasil entra agora na cota dos países da América Central, que é de 64,8 mil toneladas por ano, com tarifa de 4% ou 10% dependendo do corte da carne. Fora da cota (sem limite de quantidade), a tarifa é de 26,4 %.

#### Histórico

A abertura do mercado dos Estados Unidos para a carne in natura brasileira vem sendo solicitada desde 1999. De acordo com o histórico de informações publicadas no BeefPoint, que acompanhou esse processo desde o início, em 2001, já estavam sendo feitas negociações para venda de carne in natura aos Estados Unidos. Mais negociações foram feitas em fevereiro de 2002, em março de 2002, em maio de 2002, em agosto de 2002. Em outubro desse mesmo ano, os Estados Unidos mandaram uma missão para inspecionar frigoríficos brasileiros com intenção de reabrir o mercado.

Em abril de 2003, as negociações foram retomadas. A expectativa era de que a abertura do mercado americano para a carne in natura brasileira ocorresse em 2004. Em agosto de 2003, mais uma missão dos Estados Unidos chegou ao Brasil com o intuito de avaliar a abertura do mercado. Em março de 2004, o governo brasileiro confirma as expectativas de abertura do mercado americano ainda naquele ano. Mais negociações foram feitas em junho de 2004, em agosto de 2004, com a expectativa de abertura jogada, então, para 2005.

Em março de 2005, mais uma missão norte-americana visitou o Brasil. Em setembro desse ano, os dois países voltaram a discutir o comércio de carnes.

Em maio de 2008, os Estados Unidos enviaram uma missão a Santa Catarina avaliando a possibilidade da abertura do mercado para carne in natura desse estado. Em setembro de 2008, os governos dos dois países voltaram a discutir essa questão.

Em março de 2010, o Brasil envia mais uma missão aos Estados Unidos e ao Canadá para discutir a abertura do mercado para carne in natura. Em fevereiro de 2011, os governos dos dois países voltaram a discutir essa questão. Em agosto de 2011, entidades e produtores americanos começaram um movimento para vetar a entrada da carne brasileira, alegando que isso geraria riscos sanitários.

Em janeiro de 2014, o MAPA disse que estava “otimista” com as possibilidades de abertura de mercados, incluindo o dos Estados Unidos. Em fevereiro de 2014, os Estados Unidos prorrogam o período de consulta pública sobre esse tema até abril do mesmo ano. Em junho de 2014, a Abiec divulga expectativa de abertura do mercado norte-americano para carnes in natura até o final do ano.

Em junho de 2015, a ministra da Agricultura, Kátia Abreu, disse que intensificaria as negociações para a abertura do mercado dos Estados Unidos para carne brasileira. No final desse mesmo mês, os Estados Unidos informam abertura do mercado para carne in natura de 14 unidades da Federação brasileira. Ainda faltava os Estados Unidos fazerem auditoria nos frigoríficos brasileiros. Em setembro de 2015, foi informado que lobby nos Estados Unidos estava atrasando a entrada de carne brasileira no mercado e que a expectativa era de que isso só ocorresse em 2016.

Mais uma missão americana foi feita em Mato Grosso do Sul em novembro de 2015. Em dezembro desse ano, o lobby americano contra a carne brasileira começou a arrefecer. Em 5 julho de 2016, uma missão do Mapa foi aos Estados Unidos para agilizar a abertura do comércio de carne in natura entre os dois países. Em 26 de julho, o ministro Blairo Maggi viajou aos Estados Unidos para selar o comércio de carne in natura com o mercado norte-americano.

Finalmente, em primeiro de agosto, o Mapa anuncia a conclusão da negociação entre o Brasil e os Estados Unidos para liberação do comércio de carne bovina in natura entre os dois mercados.

ABIEC



O presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC), Antônio Jorge Camardelli, acompanhou a comitiva brasileira em Washington e a cerimônia em Brasília, celebrando mais esta conquista para as exportações brasileiras. “A decisão atende à demanda e necessidades do setor e resulta do empenho e esforços conjuntos entre todos os elos da cadeia produtiva da carne bovina e, em especial, dos técnicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento”, afirma Camardelli.

Com o anúncio, frigoríficos de 14 Estados (Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins) e do Distrito Federal estarão habilitados a exportar carne in natura.

Atualmente, o Brasil já exporta carne industrializada para os EUA, que é um importante parceiro comercial e lidera o ranking de importadores nessa categoria de carne brasileira. Somente neste ano (janeiro a junho), foram enviadas mais de 15 mil toneladas de carne industrializada brasileira para os Estados Unidos, resultando em um faturamento de US\$ 130 milhões.

Segundo o diretor executivo da Abiec, Fernando Sampaio, a Federação de Exportações de Carne dos EUA (USMEF) estima que o país enviará ao mercado brasileiro cerca de 3 mil toneladas de carne bovina, de cortes como picanha, maminha, valorizados no Brasil, mas não nos EUA. O volume é semelhante ao que a Austrália envia ao Brasil atualmente. No ano passado, o Brasil importou 45 mil toneladas de carne.

Mapa vai habilitar frigoríficos

Os frigoríficos interessados em exportar carne bovina in natura para os Estados Unidos deverão pedir a habilitação ao Mapa, desde que já tenham o Selo de Inspeção Federal (SIF).

O Mapa verificará se a empresa cumpre os requisitos sanitários exigidos pelas autoridades americanas. Caso as normas estejam de acordo, o ministério indicará o estabelecimento aos EUA, que dará o aval à importação da carne bovina in natura, com base no acordo de equivalência, após sua homologação em seu site.

### ***Reacciones en la industria estadounidense***

4/08/16 - por Equipe BeefPoint A indústria de carne bovina dos Estados Unidos teve reações variadas às notícias de que o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e o Brasil chegaram a um acordo que aumentará o comércio e carne bovina e derivados entre os dois países.

Pela primeira vez desde 2003, a carne bovina e os produtos derivados dos Estados Unidos terão permissão para ter acesso ao mercado brasileiro. O Brasil removeu as restrições à carne americana relacionadas à encefalopatia espongiforme bovina (EEB) e reconheceu os Estados Unidos como com risco desprezível para EEB. Ao mesmo tempo. O Serviço de Inspeção e Segurança Alimentar (FSIS) do USDA determinou que os sistemas de segurança alimentar do Brasil que governam a produção de carne continuam equivalentes aos sistemas de segurança de carnes dos Estados Unidos. Isso significa que a carne bovina resfriada ou congelada produzida no Brasil poderá ser importada pelos Estados Unidos.

“O mercado brasileiro oferece uma excelente oportunidade para as companhias dos Estados Unidos e é um mercado em que a indústria vem trabalhando para retornar o acesso há anos”, disse o presidente e diretor executivo do Instituto Norte-Americano de Carnes (NAMI), Barry Carpenter. “Também estamos satisfeitos que o Brasil reconheceu o que a Organização Mundial para Saúde Animal reconheceu: que a carne bovina americana é tão segura quando qualquer outra no mundo, com risco desprezível para EEB”.

O presidente da Associação Nacional de Produtores de Carne Bovina (NCBA) dos Estados Unidos, Tracy Brunner, disse que a decisão de permitir importações de carne fresca, congelada ou resfriada, é preocupante porque o Escritório de Contabilidade do Governo continua revendo a metodologia usada no processo de tomada de decisão. “O USDA falhou em fornecer uma revisão detalhada e documentada baseada em ciência dos protocolos de avaliação de riscos sobre o status de saúde animal para países; a informação foi requerida pela indústria de carne bovina dos Estados Unidos e pelo Congresso no ano passado visando aliviar sérias preocupações referentes à saúde animal”.

Em julho de 2015, membros do Comitê de Apropriações do Parlamento dos Estados Unidos concordou em bloquear as importações de carne bovina fresca do Brasil e da Argentina esperando mais estudos sobre potencial risco de febre aftosa entrar nos Estados Unidos.

Alguns membros da indústria se opõem à decisão de permitir as importações de carne fresca brasileira. O CEO da R-CALF USA, Bill Bullard, disse que o acordo exporá os consumidores dos Estados Unidos e o rebanho americano a um “risco desnecessário e evitável de doença”.

“O Brasil não tem recursos e infraestrutura para manter padrões de saúde e segurança que sejam no mínimo iguais aos dos Estados Unidos. É por isso que o USDA reduziu o padrão dos Estados Unidos a essa mera equivalência – que essencialmente significa ‘perto o suficiente’.

O acordo permite que ambos os países comecem procedimentos administrativos visando permitir que o comércio de carne bovina seja retomado. As companhias dos Estados Unidos precisarão completar o processo de registro regular de plantas do Brasil, disse o USDA.

“O mercado brasileiro oferece um excelente potencial de longo prazo para os exportadores de carne bovina dos Estados Unidos”, disse o secretário de Agricultura norte-americano, Tom Vilsack. “Os Estados





Unidos querem fornecer carne e derivados americanos de alta qualidade aos mais de 200 milhões de consumidores do Brasil e a uma crescente classe média”.

O acordo pede por uma cota inicial de cerca de 60.000 toneladas de carne brasileira enviada aos Estados Unidos nesse ano. O NAMI notou que a carne brasileira provavelmente competirá com outros produtos da América Central, sob o sistema de cotas sujeitas a tarifas dos Estados Unidos que limitam o volume de carne bovina sem pagar tarifa de 26,4%. O Instituto antecipa que a carne brasileira será principalmente usada em produtos de carne moída e processada.

### ***Limitaciones que enfrentará Brasil***

03 August 2016 US - On Monday, the USDA officially announced the reopening of trade with Brazil, in the form of fresh and frozen beef, write Steve Meyer and Len Steiner.

While the news release is titled, “USDA Announces Reopening of Brazilian Market to US Beef Exports”, the big news is the opening of US markets to chilled and frozen Brazilian beef.

Brazil currently exports cooked and canned beef to the US, but this will be the first time since 2003 they will be allowed to export fresh product to us, pragmatically. Previously, fresh Brazilian beef had been banned because the country was classified as affected with foot-and-mouth disease (FMD).

According to a risk analysis conducted by USDA’s Animal and Plant Health Inspection Agency (APHIS), the OK was given to initiate trade of fresh beef with Brazil based on the conclusion that risk to US livestock was “low”.

Aside from the animal health aspects, with an increasing domestic cattle herd and therefore increasing supply of beef the other obvious concern is to what level will we import Brazilian beef and how will that impact our market?

First, it is key to realise that as far as we can determine, the Food Safety and Inspection Service has not approved any specific Brazilian plants, yet, to export fresh beef to the US. This will have to be done before any fresh beef shipments to the US take place.

Additionally, due to Tariff Rate Quotas, Brazil will have relatively limited access to the US market, at least for a few years. Tariff Rate Quotas (TRQ’s) are assigned to countries exporting product to the US, who do not have a free trade agreement with us.

The basic definition of a TRQ is a certain country, or group of countries, can export fresh beef to the US up to a certain volume limit, after that limit a hefty quota (tax) is applied to the beef making it relatively more expensive than other options.

Since Brazil does not have a country specific quota to export to the US, they will be classified in the TRQ group labelled “Other”. The maximum volume of this TRQ group is 64,805 metric tons (mt).

Approved countries without a country specific quota can ship under the “others” TRQ until the 64,805 mt is reached. The quota is first-come, first-serve for these countries.

All imports within quota (country specific and other) pay 4.4 cents per kilogram beef exported to the US, except for Free Trade Agreement partners which are duty free.

All fresh beef exports to the US, over quota limits, pay 26.4 per cent ad valorem tax. The quota system does not apply to cooked/canned beef.

So what does this mean for Brazil? In 2015, 68 per cent of the “other” TRQ was utilised by Nicaragua, Honduras, Costa Rica, and Ireland. For a very simple analysis this would have only left 20,738 mt of quota volume to Brazil. While this is an oversimplification due to the first-come first-served nature of the quota, it demonstrates that Brazil will have competition in the quota space.

Although the maximum limit of Brazilian beef exported to the US could be 64,508 mt, based on market competition it is very unrealistic to think Brazil would overtake the full quota. Longer term (in 2020) these TRQ’s are scheduled to change, and could give Brazil a higher volume ceiling.

To put this in perspective, in 2015 the US imported 570,740 mt of beef from Australia, 299,955 mt tons from New Zealand, and 285,036 mt from Canada (to name our top 3 sources) for an annual total of 1.5 million mt.

This is to make the point that, in the near future, imports of fresh Brazilian beef should not have huge effects on the industry – not considering potential domestic livestock health risks.

We would expect the majority of imported fresh beef from Brazil to be in the category of 90 per cent lean beef, very similar to the product we currently import from Australia. The value of the real could make Brazilian beef rather more competitive than Australian product, for US importers.

However, Brazil is a major exporter to both China and Russia and it is highly unlikely they would divert product away from those markets.

On the flip side, the Brazilian market will also be open to US beef products. While their economy is currently in a downturn, in the long run there is potential for US grain fed beef in the high end markets of Brazil as Brazilian beef is mainly grass-fed. In 2015 though, we exported a total of 134 mt to Brazil, making it our 60th largest customer, on a volume basis, out of the 123 countries we shipped beef to last year.



### **Apertura de Estados Unidos transformará la exportación de carne vacuna brasileña**

08/08/2016 - Otros mercados importantes podrán tomar el ejemplo de EE.UU.

El grupo brasileño Minerva Foods considera que la apertura de Estados Unidos para la carne bovina desosada y madurada “transformará” a los exportadores brasileños, ya que colabora que para que el país pueda acceder al 50% del mercado mundial, apuntando a mercados donde aún hoy no puede vender, aseguró el presidente del grupo, Fernando Galletti de Queiroz.

Canadá, México, Japón, Corea del Sur y países del sudeste asiático son algunos de los potenciales destinos para la carne bovina brasileña, que pueden seguir como ejemplo la apertura de EE.UU.. “Ese hecho es de extrema importancia para el mercado brasileño”, dijo Galletti de Queiroz en una teleconferencia con analistas. El ejecutivo aseguró que Brasil se va fortaleciendo como el mayor exportador de carne bovina del mundo en los próximos años.

“Es realmente una transformación la apertura de Estados Unidos y el potencial que tiene. Es eso, sumando a un ciclo bastante positivo en la oferta de ganado gordo de Brasil, lo que nos deja bastante tranquilos y seguros de que tendremos años muy positivos para la industria”.

El principal de Minerva también consideró que el impacto de la apertura de Estados Unidos está subdimensionado y que Brasil deberá doblar sus exportaciones de carne bovina, con aumentos en los volúmenes en los próximos meses.

“Con más mercados, pasamos a tener mayor poder de precios”, afirmó. Los primeros embarques de carne bovina brasileña a Estados Unidos se concretarán dentro de 60 días, una vez que finalice el período para comentarios de la norma en el Registro Federal y se publique la norma definitiva. Ambos países formalizaron la apertura del comercio de carnes la pasada semana.

Se estima que Brasil podrá exportar una cuota de 64,8 mil toneladas, donde ya participan países de América Central, con una tarifa de entre 4% y 10%, dependiendo de los cortes. Las ventas por fuera de esa cuota pagan 26,4% de arancel.

Los Estados Unidos también podrán exportar carne a Brasil como parte del acuerdo, pero el presidente de Minerva considera que la balanza comercial será más favorable para Brasil. La expectativa es que el mercado brasileño pueda importar picanha estadounidense para el abasto.

### **Hamburguesas sería el principal segmento para los exportadores brasileños**

Fonte: Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 11/08/16 - por Equipe BeefPoint

O tradicional gosto dos norte-americanos por hambúrgueres pode se reverter em um grande negócio para a indústria brasileira de carne bovina, após o acordo sanitário assinado entre os dois países, disse o diretor técnico da consultoria IEG FNP, José Vicente Ferraz.

O consultor da FNP citou ainda uma complementariedade muito grande para a oferta do Brasil, já que o hambúrguer normalmente é feito de “carne de segunda”, da parte dianteira dos bovinos, que tem preços bastante competitivos no Brasil, onde a preferência dos consumidores é pela picanha e outros cortes, produzidos com a parte traseira.

O analista comentou que o Brasil poderia exportar a parte dianteira do boi para produzir o hambúrguer nos EUA ou poderia exportar o hambúrguer pronto.

A presença da companhia brasileira JBS nos EUA, que tem um faturamento muito maior em território norte-americano do que no Brasil, também seria um facilitador de negócios.

O Brasil também teria competitividade para avançar no mercado de cortes nos Estados Unidos, principalmente na cota sem tarifa, disse o diretor da FNP.

Nesse segmento, na opinião de Ferraz, o Brasil entraria em um mercado que não é nem o da carne premium, concorrido por Uruguai, Austrália e Argentina, nem aquele de preços muito baixos, dominado pela carne de Índia.

Segundo ele, o embarque de carne in natura para o mercado de cortes começaria de forma mais lenta, até porque alguns exportadores ainda precisariam criar canais de distribuição. Já a exportação para hambúrgueres poderia avançar mais rapidamente.

### **Moody's estimó impacto favorable sobre las empresas**

Fonte: Estadão, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 10/08/16 - A abertura do mercado norte-americano para a carne bovina in natura do Brasil deve aumentar o volume de vendas e também melhorar a formação de preço na exportação, diz a agência de classificação de risco Moody's.

Para a agência, o acordo comercial é um importante impulso de longo prazo e também deverá gerar melhores margens no curto prazo para o setor. A agência destaca que a abertura é positiva para os frigoríficos brasileiros e cita JBS, Marfrig e Minerva, com destaque para esta última empresa, que destina maior parte da sua produção ao mercado externo – no segundo trimestre deste ano as exportações foram responsáveis por 67% da receita bruta da companhia.



“Estes são eventos positivos em um momento em que o setor enfrenta alguns ventos contrários”, diz a Moody’s, citando o recente fortalecimento do real ante o dólar e a crise econômica que reduziu o consumo doméstico. A agência aponta, ainda, os preços firmes do boi gordo no País, devido à oferta restrita.

### ***Estiman que sus exportaciones podrían duplicarse gracias al acceso a EE.UU.***

04/08/16 - por Equipe BeefPoint Para o diretor presidente da Minerva, Fernando Galletti de Queiroz, as perspectivas com a abertura de mercado dos Estados Unidos para a carne bovina in natura brasileira estão “subdimensionadas”. Para ele, o potencial que este novo acordo tem para o mercado brasileiro é maior do que o que está sendo esperado porque facilita o acesso a outros importantes países que seguem protocolos sanitários parecidos com os dos EUA.

Ele destacou países como Japão, Coreia do Sul e Canadá e também os mercados do Sudeste Asiático. “Teremos uma missão mais duradoura que vai passar pelo Sudeste Asiático, de três semanas. O Brasil vai chegar com credencial bastante forte e vai passar por mercados que têm potencial de abertura”, disse Queiroz.

“A tendência é o Brasil dobrar sua capacidade de exportação e isso nos dá bastante tranquilidade para a manutenção de margens, ainda mais com uma estabilização do câmbio”, afirmou o executivo, sem especificar prazos.

“Acreditamos que (o início das exportações para os EUA) vai ser mais rápido do que o estimado (governo projeta 90 dias). Estimamos 60 dias ou menos, porque já existem empresas cadastradas para isso”, acrescentou Edison Ticle, diretor Financeiro da Minerva.

### **Bajan los precios de la hacienda en São Paulo**

Sexta-feira, 19 de agosto de 2016 - As tentativas de compra abaixo da referência resultaram em queda de preços em São Paulo, tanto em Araçatuba-SP quanto em Barretos-SP.

Existem indústrias ofertando até R\$3,00/@ abaixo da referência.

Parte dos frigoríficos estava fora das compras na última quinta-feira (18/8), mas pulando dias de abate e reduzindo o volume de cabeças abatidas por dia.

As indústrias de maior porte, que possuem contratos de fornecimento, conseguem manter as escalas mais confortáveis.

No mercado atacadista de carne com osso, os estoques enxutos permitiram um reajuste positivo no preço da carne. O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$8,62/kg, uma alta de 3,8% em relação ao início do mês.

Com isso, a margem de comercialização das indústrias melhorou, mas ainda está em patamares historicamente baixos.

Para as indústrias que fazem a desossa, a margem de comercialização (Equivalente Scot Desossa, em relação ao preço da arroba) está em 13,8%.

### **Alza en los valores mayoristas en el curso de los últimos días**

Sexta-feira, 19 de agosto de 2016 - Desde novembro de 2015 o mercado de carne bovina não registrava alta de preços superior a 1,0% no atacado. No acumulado dos últimos sete dias, porém, o reajuste chegou a 1,45%.

Isso, associado às recentes quedas nos preços da arroba, permitiu a recuperação das margens da indústria que faz a desossa, chegando aos 13,75%. Embora ainda abaixo da média histórica, que está ao redor de 20,0%, é o primeiro impulso, há meses, para incremento do resultado das indústrias.

A alta acumulada nos últimos sete dias foi puxada pelos cortes de traseiro, produtos que vinham sofrendo seguidas desvalorizações em 2016 e que ficaram 2,6% mais “caros” durante a semana.

Com a menor oferta de matéria-prima, os estoques de carne estão mais regulados à demanda e permitiu as valorizações.

As exportações, porém, seguem perdendo desempenho desde julho. Na primeira metade de agosto os embarques diários estão 7,5% menores do que o registrado há um ano.

Com a expectativa de redução na oferta de gado à medida que avança a entressafra, são importantes novos reajustes nos preços da carne para permitir pagamentos maiores para a arroba do boi gordo, já que isso melhoraria a margem dos frigoríficos.

### **Crece la brecha entre los precios de la carne y de la hacienda en pie**

18 de agosto de 2016 - Considerando-se médias anuais, a diferença na parcial de 2016 é de 7,72 reais/@ Valores têm como base praças de São Paulo

A diferença entre os preços da arroba do boi gordo (São Paulo) e da carne com osso (mercado atacadista da Grande São Paulo) está maior em 2016 frente à observada em anos anteriores.



Considerando-se médias anuais, a diferença na parcial de 2016 é de 7,72 reais/@, contra 4,34 reais/@ em todo 2015. Em anos anteriores, a diferença foi ainda menor, de 6,25 reais/@ em 2014, de 3,91 reais/@ em 2013 e de 2,19 reais/@ em 2012.

Nos últimos dias, representantes de frigoríficos consultados pelo Cepea tentaram comprar animais a valores inferiores aos pedidos pelos pecuaristas.

Como parte das escalas de abate já está preenchida com animais comprados antecipadamente, a pressão aumenta – na parcial do mês, o Indicador acumula baixa de 2,7%, fechando a R\$ 149,39 na quarta-feira, 17. Já os valores da carcaça casada bovina registram alta de 2,25% na parcial deste mês, a R\$ 9,55/kg nessa quarta.

### Exportaciones de carnes bovinas sumaron 423 millones de dólares en julio de 2016

Fonte: Abiec. 10/08/16 - por Equipe BeefPoint As exportações de carne bovina brasileira atingiram, em julho, faturamento de US\$ 423 milhões, com o embarque de 109,4 mil toneladas, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC).

Hong Kong continua a ocupar a liderança nas importações de carne brasileira com a compra de 24,4 mil toneladas (92% a mais que o mesmo mês de 2015), gerando um faturamento de US\$ 80 milhões (88% mais que julho do ano passado). O Egito ficou na segunda posição com 18,3 mil toneladas (8% a mais que julho de 2015) e faturamento de US\$ 57 milhões.

Posição	País/Região	Faturamento US\$ (julho/2016)	Volume em toneladas (julho/2016)
1	Hong Kong	80.033.213,00	24.472,24
2	Egito	57.855.612,00	18.328,58
3	União Europeia	54.459.453,00	9.131,25
4	Rússia	39.965.350,00	12.792,25
5	Irã	28.731.804,00	7.554,52
6	Estados Unidos	24.386.304,00	2.701,04
7	Chile	23.153.502,00	5.747,54
8	Venezuela	17.441.645,00	3.004,10
9	China	17.374.224,00	3.515,12
10	Arábia Saudita	10.068.575,00	2.808,62

No acumulado deste ano (janeiro-julho), Hong Kong também lidera o ranking dos maiores importadores com 202,5 mil toneladas de carne bovina importadas (aumento de 18% em relação ao mesmo período de 2015) e faturamento de US\$ 694 milhões (5% a mais que janeiro a julho do ano passado).

No total de carne bovina exportada nos sete primeiros meses do ano, o acumulado em volume supera as 845 mil toneladas (crescimento de 10% em relação a 2015). Já em faturamento, as exportações já somam US\$ 3,3 bilhões (retração de 1% se comparado com o mesmo período do ano passado).

Posição	País/Região	Faturamento US\$ (jan-jul/2016)	Volume em toneladas (jan-jul/2016)
1	Hong Kong	694.230.358,00	202.523,61
2	União Europeia	406.458.205,00	67.245,89
3	Egito	399.142.309,00	129.130,08
4	China	383.322.115,00	91.244,63
5	Rússia	228.543.368,00	82.105,90
6	Irã	192.808.929,00	50.084,17
7	Chile	157.083.725,00	38.334,38
8	Estados Unidos	154.434.963,00	18.301,81
9	Venezuela	87.128.056,00	14.979,56
10	Arábia Saudita	66.595.545,00	17.644,99

Categorias – A carne in natura foi a categoria de produtos mais exportada em julho de 2016, com 82 mil toneladas e faturamento de US\$ 325 milhões.

Posição	Categoria	Faturamento US\$ (julho/2016)	Volume – ton. (julho/2016)
1	In natura	325.314.487,00	82.210,07
2	Industrializada	52.283.085,00	9.032,45
3	Miúdos	39.070.537,00	16.034,26
4	Tripas	4.714.228,00	1.845,55
5	Salgadas	2.332.850,00	359,40

### Brasil principal provedor de la UE en carnes bovinas y pollo

19/08/16 - por Equipe BeefPoint O Brasil continua com boa presença na Europa quando se trata de carnes, segundo dados do primeiro semestre da União Europeia, divulgados nesta semana. O país continua sendo a principal fonte de compras dos europeus nas carnes de frango e bovina.

O Brasil é a principal fonte de compra de carne bovina dos europeus. Nos cinco primeiros meses, houve um aumento de 12% nas exportações brasileiras para o bloco, segundo a comissão europeia.

O Brasil é responsável por 45% da carne bovina importada pela União Europeia.

Um dos motivos dessa aceleração das vendas de proteínas para os europeus são os preços competitivos do produto brasileiro, admitem os próprios europeus.





## URUGUAY

### **Precios de la industria para el ganado gordo no conforman**

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Agosto 19, 2016 En el caso de los novillos gordos se hacen propuestas de US\$ 3,05 a US\$ 3,10, pero la gente no vende

La industria pasa precios 10 a 15 centavos menores para novillos gordos, comparado a la semana pasada, pero todavía no se ha formado el mercado como para poder afirmar la consolidación de la baja, según comentaron consignatarios consultados. En cambio, la reposición está demandada, con los exportadores en pie comprando activamente.

Un operador comentó que la semana pasada se hicieron negocios por novillos a US\$ 3,25 por kilo en cuarta balanza, pero ahora se ofrecen entre US\$ 3,05 y US\$ 3,10 e incluso algunas no pasan precio. Para la vaca también se manejan menores valores, entre US\$ 2,80 a US\$ 2,85 y por las vaquillonas en el eje de US\$ 3,20. Las entradas a plantas se estiraron a entre 10 y 15 días.

El mercado no logró consolidar la suba que venía experimentando y la oferta no vende a las nuevas referencias, agregaron. El cambio de las condiciones climáticas permite mantener los ganados prontos en campo por las mejoras de los verdes y pasturas.

El lunes pasado la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) mantuvo sin cambios la referencia general para novillo gordo en US\$ 3,19 y la de la vaca en US\$ 2,87. Las vaquillonas gordas vieron un aumento de tres centavos hasta US\$ 3,04.

Los novillos especiales de exportación vieron un retroceso de dos centavos de US\$ 3,24 a US\$ 3,22, pero dada la lógica descendente ese precio ya no se consigue. En las mejores vacas el precio cayó un centavo, a US\$ 2,93.

La semana que viene estará limitada en operativa de faena por el feriado nacional del jueves, a lo que se suma que algunas plantas bajarán su actividad. Está confirmado que el frigorífico Cledinor, perteneciente al grupo Marfrig, cerrará un par de semanas por licencias a personal.

"Luego de la semana que viene veremos si se concretan negocios a estos valores y se forma un nuevo piso, o si la oferta puede mantener el ganado para presionar, teniendo en cuenta que a mediados setiembre la oferta de ganado de corral disminuye y la industria deberá comprar ganado de campo", comentó el consignatario Alejandro Zambrano en Tiempo de Cambio de radio Rural.

La semana pasada se faenaron 44.075 bovinos, 0,9% más que en la anterior y 4% arriba en la comparación interanual. La actividad en la industria se compuso en 52% por novillos, que totalizaron 22.997 cabezas y tuvieron un avance semanal de 8%. En cambio, las vacas bajaron 4% hasta 20.267 cabezas.

En lo que respecta a la exportación, en la semana que terminó el sábado 13 la tonelada de carne vacuna generó un ingreso de US\$ 3.133, un 6% menos que la semana anterior. Mientras, en carne ovina subió 11% comparado con la semana anterior, alcanzando US\$ 4.147/ton.

Por otro lado, el mercado de reposición está firme y demandado, con poca oferta. La exportación en pie compra activamente terneros pesados y los invernadores locales están ávidos por terneros, novillos y vaquillonas.

También aumentó la demanda por las vacas preñadas al estar más cerca de la fecha de parición, lo que acorta el plazo del negocio señaló Zambrano.

En el remate del martes de Lote 21 los terneros generales promediaron US\$ 2,17 por kilo por lote. Pero el consignatario Juan Brea Saravia comentó que si se considera por unidad el promedio sube a US\$ 2,25 por kilo. El aumento fue de casi 8% con respecto al remate anterior de fin de julio y la variación anual fue -4%.

### **La faena de vacas lecheras sigue alta pero en julio bajó**

19/08/2016 - Según Inale, en el acumulado anual se está 8% por encima.

El Instituto Nacional de la Leche (Inale) informó que en el acumulado enero-julio de 2016, el volumen de vacas lecheras enviadas a las chacinerías se incrementó 8% respecto a igual período del año anterior. En el acumulado anual se llevan faenadas 67.051 cabezas, cifra que marca un incremento de 4.763 vacas más que en igual período de 2015. Sin embargo, si se toma únicamente el pasado mes de julio, el nivel de vacas lecheras faenadas descendió 20%, pues se mataron 9.660 cabezas.

No es novedad que el descarte de los tambos está por encima de los niveles habituales debido a la crisis que enfrenta la lechería. Los establecimientos apuestan a quedarse con las vacas que tienen mayor vida productiva y las que producen mayores litrajes, sacándose de encima las que tienen producciones menores o están al final de su lactancia.

Según el Inale, tomando los últimos 12 meses —, en el período comprendido entre agosto de 2015 y julio de 2016— se llevan industrializadas en los frigoríficos 16% más vacas que representan 16.412 cabezas en ese año móvil comparado con el mismo año móvil anterior).



Es importante señalar que en junio el volumen de vacas lecheras faenadas había crecido 3% respecto a mayo de 2016, según los datos estadísticos del Inale.

En el mes citado se habían matado 11.354 cabezas, mientras que en el acumulado enero-junio de 2016 se llevaban industrializadas 57.391 cabezas, nivel que marcaba un incremento de 14% (7.122 cabezas) respecto al mismo período del año anterior.

Entre julio de 2015 y junio de 2016 pasaron por los frigoríficos 120.325 cabezas y la faena subió 23% (son 22.275 vacas en ese año móvil y comparado con el del año anterior). Es probable que 2016 cierre con una faena de vacas lecheras superiores a los registrados en 2015, si la crisis de precios y el endeudamiento del sector lechero se continúa profundizando. Los productores advierten que se está cortando la cadena de pagos y el endeudamiento a nivel de producción supera los US\$ 400 millones, pero encima resta comenzar a pagar el dinero que los productores tomaron del Fondo de Financiamiento y Fortalecimiento de la Actividad Lechera III, que comienza a pagarse el mes que viene.

Si el clima ayuda y la dieta de las vacas se puede apoyar más en el pasto y no tanto en concentrados proteicos, es posible que las empresas puedan bajar el costo y subsistir si el clima continúa ayudando a los campos.

### **Relación flaco/gordo exige una invernada más eficiente**

Agosto 19, 2016 Suplementación ganadera de sistemas con praderas representa aumento productivo y de ingresos

En los últimos años hubo un efecto descalce notorio en el índice flaco/gordo, favoreciendo al sector criador respecto a la invernada, dado el alto precio de los terneros. La relación llegó a ser de las más altas desde que se lleva registro, alcanzando 1,47 (cada kilo de ternero vale 1,2681 veces un kilo de novillo gordo).

El tema fue analizado ayer por el ingeniero agrónomo Ignacio Buffa, director de la consultora Apeo, en la 18ª jornada técnica de la Unidad de Producción Intensiva de Carne (UPIC), realizada en el salón Egeo, en Paysandú.

El experto señaló que eso puede deberse a un factor estructural, y si eso es así el sector invernador debería sostenerse con una mejora de la eficiencia productiva.

En el primer semestre se exportaron 150 mil terneros en pie casi 30% de lo que se vende en el país

Pero también reconoció que en estos años estuvieron operando elementos que fueron determinantes para esa suba del indicador flaco/gordo. El principal fue la exportación de ganado en pie. "En el primer semestre de este año exportamos 150 mil terneros en pie y eso constituye casi 30% de los terneros que se comercializan en el país, es mucho", consideró.

El otro componente que señaló Buffa fue el recurso forrajero de los puentes verdes, que se venía usando incipientemente, y este año dadas las relaciones de precios se pretendió usar bastante.

La charla del director de Apeo se centró en mejorar los resultados económicos de la ganadería, acompañando la oferta de pasto con la demanda animal. Demostró con números y gráficos que cuando se agrega suplementación o energía extra en las estaciones del año en que hay una limitante en la producción de pasto, se logra cosechar el forraje de forma más eficientemente.

Señaló que eso genera una diferencia de 150 kilos en la producción física del animal, que se expresan en más de US\$ 200 por hectárea en el producto bruto ganadero. El otro elemento es que los procesos de intensificación están asociados a mayores inversiones, algo que hay que considerar porque el capital siempre es escaso, pero también demostró que la rentabilidad es significativamente más importante por el hecho de intensificar.

Buffa explicó que cuando se intensifica, la rentabilidad de ese negocio pasa a ser generar rentabilidad sobre margen bruto. O sea: lo que se gana dividido los costos variables –ganado y suplementación-. Esa rentabilidad no solo es positiva, sino que es alta, del entorno de 15%.

El análisis del consultor fue realizado en base a la aplicación de la tecnología a lo largo de 10 años, y el resultado sistemáticamente fue positivo. "Por lo tanto me parece que más allá de discutir si voy o no a usar un grano, el tema está en estructurarse para hacerlo de la manera más eficiente posible", concluyó.

Cuando ese sistema ganadero en praderas con suplementación se realiza en un campo agrícola arrendado el negocio se hace más complicado, como es lógico. Los números indican que solo se podrá sostener una renta agrícola con un componente agrícola-ganadero, y el componente agrícola tiene que ser el que maximiza el resultado económico que es la soja.

La combinación ideal de las rotaciones depende primero del tipo de suelos. Cuanto más marginal es el suelo, necesariamente se requerirá un componente de pastura más largo.

A las actuales relaciones de precios parecería que un esquema agrícola con un par de años de pasturas en el litoral podría ser interesante para explorar, y hacia el centro del país se puede ir a dos años agrícolas y cuatro años de pasturas, opinó Buffa.

Al cierre de esta edición la jornada de la UPIC concluía con la participación del ministro de Economía y Finanzas, Danilo Astori.



### **La cuota 481 generó cerca de US\$ 300 millones**

04/08/2016 Se cumplieron 10 años de trazabilidad obligatoria de bovinos.

La trazabilidad obligatoria de todo el rodeo bovino, herramienta que rige desde septiembre de 2006, permitió que ingresaran a Uruguay entre US\$ 250 y US\$ 300 millones a través de las 50.000 toneladas de carne bovina de alta calidad, en el marco de la cuota 481, donde se logró un precio promedio de US\$ 9.163 (no se paga arancel).

A 10 años de haberse implementado la trazabilidad obligatoria del rodeo bovino, con varios oradores, incluido el Canciller Rodolfo Nin Novoa, se realizó un acto en el Palacio Legislativo, recordando la puesta en marcha de esa herramienta.

En el caso de la cuota cárnica 481 asignada por la Unión Europea la trazabilidad, es la herramienta que asegura a los compradores origen, edad y alimentación de cada animal. Además, permitió acceder a mercados que los competidores con igualdad de producto no acceden. “Para lograr la apertura de la cuota cárnica 481, por la que se coloca el producto en Europa sin pagar aranceles de importación, fue determinante la implementación del sistema de trazabilidad bovina en Uruguay”, aseveró Aguerre.

Por su parte, el Canciller Nin Novoa consideró a la trazabilidad como uno de los grandes argumentos para ingresar a los mercados más exigentes. “Estoy convencido de que este es uno de los argumentos más fuertes que Uruguay tiene cuando las autoridades oficiales se sientan a conversar con sus pares de otros países para acceder a mercados”.

Nin Novoa dijo que Uruguay dispone de más de 120 mercados abiertos para colocar la carne, pero que las dificultades se plantean en el pago de “muchos millones de dólares” de aranceles y subsidia a actividades industriales a países como Brasil y Argentina. “Disminuir eso son los desafíos que nosotros debemos tener como sociedad y como ministerio”, complementó el Canciller en su oratoria.

### **La recuperación de Rusia para la carne vacuna quedó en espera**

17/08/2016 - El mercado ruso dejó atrás la firmeza en los valores y ahora los importadores están pasando precios inferiores a los últimos negocios, lo que ha provocado una retracción en el volumen de cargas a este destino, según publicó Fax Carne.

Un exportador brasileño dijo que esta opción solo es competitiva en trimming, “en el resto queda por fuera”. Desde Paraguay un industrial informó que ahora los rusos pasan bids para el chuck & blade entre US\$ 3.3503.400 CIF, mientras que para la rueda los valores se ubican entre US\$ 3.950 y US\$ 4.000 CIF. En ambos casos, hubo una merma en los precios de unos US\$ 100.

En tanto, desde Uruguay un trader afirmó que cerró un negocio de trimming 70 VL a US\$ 1.900 CFR, hígado a US\$ 1.500 y lengua a US\$ 2.200, CFR en ambos casos.

### **Uruguay se consolidó como el principal exportador de carne vacuna a China**

10/08/2016 - En julio los exportadores uruguayos enviaron más carne vacuna que Brasil, Australia y Nueva Zelanda.

Durante julio Uruguay se consolidó como el principal exportador de carne vacuna a China. Rafael Tardáguila, director de Faxcarne, dijo en Valor Agregado en radio Carve que “el mes pasado se exportaron unas ocho mil toneladas de carne vacuna con destino a China” y se superó ampliamente a proveedores como Brasil, Australia y Nueva Zelanda.

Explicó que China “sigue siendo nuestro principal destino” para nuestro producto, pero “que ha bajado de forma considerable el volumen embarcado y la proporción de exportaciones a ese mercado. Mencionó que “China en los últimos cuatro meses pasó de recibir más 50% del volumen exportado por nuestro país a algo más del 40%”.

Con respecto a los principales exportadores del mundo, Tardáguila afirmó que se observa una fuerte caída en los volúmenes enviados al país asiático. Detalló que Brasil pasó de exportar más de 17.000 toneladas mensuales a solo 3.500 toneladas en julio. Este cambio en el mercado se debe a una preferencia por colocar el producto en otros mercados que resultan más atractivos, como el caso de Rusia (12.000 toneladas) y Egipto (20.000 toneladas).

También dijo que Australia redujo sus exportaciones y se debe a la necesidad de retener su rodeo. Los envíos de julio con destino a China no superaron las 7.600 toneladas, mientras que Nueva Zelanda exportó 5.200 toneladas de carne vacuna.

Por tanto, analizando a los principales competidores dentro del mercado chino, “fuimos el principal exportador de carne vacuna durante el mes de julio”, finalizó Tardáguila.



## PARAGUAY

### Los precios del ganado están en lo más alto del año

16 de agosto de 2016 Los precios del ganado en las diferentes categorías están hoy en los más alto del año en nuestro país, según varias fuentes del sector.

Al respecto, la Asociación Rural del Paraguay (ARP) informó que el precio del novillo para exportación en frigoríficos registró un aumento de 2,5% en relación a la semana anterior.

Por ejemplo, las vaquillas de 200 kg están en una media de US\$ 2,85 por kg; las vacas a US\$ 2,80 por kg; el novillo para Chile, en US\$ 2,95 por kg; la vaquilla para UE, a US\$ 2,93 por kg; el novillo para UE US\$ 3,00 por kg; y la vaquilla para UE US\$ 3,00 por kg.

Por otro lado, los precios promedios de ganado en las diferentes ferias de consumo, en las tres categorías, tuvieron un aumento de 6% en relación a la primera semana de este mes de julio.

La media de los precios máximos del novillo de las cuatro ferias (El Rodeo, Ferusa, El Corral y Codega) se ubicó en G. 9.416 por kilogramo de peso vivo.

A su vez, el promedio de los precios máximos en la categoría toro aumentó a G. 9.656 por kilogramo, mientras que la cotización de las vacas se elevó a G. 8.940 por kilogramo, según la conjunción de los datos de las cuatro ferias citadas.

### Faena de bovinos se incrementó un 13% hasta julio

18/08/2016 La faena de bovinos en frigoríficos alcanzó el volumen de 1.212.226 cabezas entre enero y julio de este año, que corresponde a un crecimiento del 13% con relación al mismo periodo del año pasado, según estadísticas de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) y del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). En los primeros siete meses del año 2015 el nivel de sacrificio de ganado vacuno alcanzó un volumen de 1.072.495 cabezas.2015-04-27-ganado-

Según el reporte de la CPC, julio fue el segundo mes más productivo para el sector industrial cárnico en lo que va del año con más de 193.469 cabezas de ganado vacuno sacrificadas; siendo superado solo por el nivel de faenas registrado en junio que fue de 208.670 cabezas, pico histórico en la operatividad de la industria cárnica.

Oferta. Tras los intensos primeros siete meses del año desde el octavo mes del 2016 la industria frigorífica empezó a sentir una importante merma de materia prima, lo que obligó a los frigoríficos a reducir el ritmo de faenas, manifestaron representantes de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC).

La menor oferta de ganado tuvo como consecuencia un aumento en el precio del ganado, experimentando una tendencia alcista en las últimas cinco semanas, de acuerdo a los datos de la Asociación Rural del Paraguay (ARP). Los novillos cerraron la semana pasada con una cotización promedio de US\$ 2,88 el kilogramo (peso al gancho) en frigoríficos.

Para mercados diferenciados los ganaderos obtuvieron mejores precios. El ganado apto para faenas de exportación al mercado chileno cerró la semana pasada con un precio de US\$ 2,95 el kilogramo; mientras que el novillo tipo Unión Europea alcanzó los US\$ 3,00 el kilogramo (peso al gancho), de acuerdo al reporte de la comisión de carne de la ARP.

### Aumentaron las exportaciones en volumen pero cayeron en valor

Fonte: América Economía, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/08/16 - por Equipe BeefPoint  
As exportações de carne bovina do Paraguai cresceram em 4% em volume, mas o valor caiu em 6%, considerando as estatísticas de janeiro a julho desse ano, com relação ao mesmo período do ano anterior, informou o Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Animal (Senacsa). Paralelamente, diminuiu a oferta de gado e subiu o preço do novillo ao gancho a US\$ 2,88 por kg.

Cerca de 145.756 toneladas de carne bovina foram exportadas desde 1 de janeiro até 31 de julho desse ano, volume que gerou US\$ 551 milhões FOB.

A informação geral, considerando todos os produtos e subprodutos de origem animal (que incluem carne bovina, miúdos, carne suína e de aves, subprodutos comestíveis e não comestíveis) é que, de janeiro a julho desse ano, o Paraguai obteve US\$ 717.347 milhões, frente a US\$ 764,527 milhões no mesmo período de 2015.

Durante os sete primeiros meses do ano, as vendas desses produtos somaram 272.354 toneladas, contra 235.743 toneladas no mesmo período do ano anterior.

A queda das divisas em todos os setores foi de 6,17%, causada pela redução do preço médio pago pelos mercados de carne bovina, apesar de ter havido um aumento de 15% em volume.

Em outra ordem, as exportações de miúdos bovinos foram de 20.588 toneladas por US\$ 36,3 milhões, o que mostra queda de 6,05% em volume e de 19,7% em valor, com relação ao mesmo período de 2015.



### **Frigoríficos paraguayos no logran mejorar los precios en Rusia**

Fuente: La Nación – Paraguay. 16/08/2016 - Si bien hay una leve recuperación de los valores de envíos de carne a Rusia aún están lejos de las pretensiones de la industria frigorífica. Hay una intención de parte de los frigoríficos de incrementar unos US\$ 200 la tonelada en los nuevos embarques; sin embargo, los importadores se mantienen firmes.

La industria intenta elevar los precios de la proteína roja al mercado ruso para ver si logra una mejora adicional, pero los importadores rusos son cautos y no aceptan esos valores, según el informe de Faxcarne, divulgado por la comisión de carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Estadísticas. En el mes de junio, el precio promedio de exportación de carne a Rusia había registrado su cuarto mes consecutivo en alzas, con un promedio de US\$ 3.034 la tonelada; sin embargo, los valores cayeron a razón del 1,5% en el mes de julio, situándose en una media de US\$ 2.987 la tonelada, de acuerdo al informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

Entre enero y julio de este año se exportaron 37.837 toneladas de carne a Rusia por un valor de US\$ 105,7 millones. El mercado ruso es el segundo mayor comprador del producto local en lo que va del año.

Actualmente hay una merma de oferta de ganado en el mercado interno, lo que va dificultar cumplir con los compromisos asumidos con algunos mercados, entre ellos Rusia. Esto tendrá influencia en los volúmenes y podría frenar la tendencia alcista, aunque leve, de los embarques de carne al destino euroasiático, explicaron representantes del sector industrial.

En julio se registró el mayor volumen mensual de exportación de carne a Rusia en lo que va del año con 7.566 toneladas.

### **Paraguay: concretan los primeros envíos de carne premium al Ecuador**

Fuente: La Nación – Paraguay. 13/08/2016 - En el mes de julio se llegaron a concretar los primeros embarques de carne bovina premium al Ecuador, según el informe del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). Si bien el volumen es aún ínfimo, se espera que los negocios tengan mayor dinámica en el corto plazo.

Hugo Idoyaga, presidente del Senacsa, destacó la importancia de este nuevo nicho de mercado que se abre para el producto.

Informó que desde el punto de vista sanitario hay vía libre para los envíos del producto al Ecuador y la masificación de los embarques ya representa una cuestión comercial. Comunicó que hasta el momento el Frigorífico Concepción es la única planta habilitada para los embarques del producto al país sudamericano.

Ecuador se convierte así en el mercado activo número 53 en lo que va del año. Los mayores compradores de carne bovina entre enero y julio de este año fueron Chile con un total de 43.755 toneladas, Rusia 37.837 toneladas, Brasil 16.594 toneladas, Vietnam 10.303 toneladas, Israel 9.724 toneladas, Kuwait 3.050 toneladas y Egipto 2.852 toneladas, según el reporte del Senacsa.

Comparativo. Entre enero y mayo de este año se exportaron 145.756 toneladas de carne bovina, que corresponde a un crecimiento del 3,9% en comparación a la cantidad exportada en el mismo período del año pasado, que fue de 140.179 toneladas.

Pese a este mayor ritmo comercial, el ingreso de divisas generados por la proteína roja cayó 5,5%. El rubro ingresó US\$ 551,0 millones entre enero y julio de este año; mientras en el mismo periodo del año pasado los ingresos alcanzaron US\$ 583,3 millones.

En lo que va del año el rubro experimentó una depreciación del 9,1% con relación al año pasado y el precio promedio fue de US\$ 3.780 la tonelada.

El Dr. Hugo Idoyaga manifestó que los precios van mejorando gradualmente en el mercado internacional y la brecha de menor ingreso de divisas al país por exportaciones de carne va disminuyendo.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **Informe del Grupo Especial WT/DS475: Rusia Medidas relativas a la importación de porcinos vivos, carne de porcino y otros productos de porcino procedentes de la UE.**

El objeto de esta diferencia son determinadas medidas sanitarias y fitosanitarias (MSF) impuestas por Rusia entre enero y septiembre de 2014 a las importaciones de porcinos, carne de porcino y otros productos de porcino procedentes de la Unión Europea a raíz de la declaración de brotes de peste porcina africana en la Unión Europea. Rusia impuso una prohibición relativa a toda la UE, así como prohibiciones individuales de importar productos originarios de cuatro Estados miembros de la UE: Estonia, Letonia, Lituania y Polonia (prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE).

La Unión Europea impugnó la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE por ser incompatibles con las disposiciones del Acuerdo MSF sobre la armonización (párrafos 1, 2 y 3 del artículo 3), la adaptación a las condiciones regionales (párrafos 1, 2 y 3 del artículo 6), los procedimientos de aprobación de MSF (artículo 8 y Anexo C), la base científica de las medidas





(párrafos 1, 2 y 7 del artículo 5 y párrafo 2 del artículo 2), la aplicación de las MSF (párrafos 3, 4 y 6 del artículo 5), la discriminación (párrafo 3 del artículo 2 y párrafo 5 del artículo 5) y la transparencia (artículo 7 y Anexo B).

Rusia adujo que las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE están en conformidad con las normas internacionales pertinentes (con arreglo al párrafo 2 del artículo 3) y que, por lo tanto, se presume que son compatibles con las disposiciones pertinentes del Acuerdo MSF. Subsidiariamente, Rusia adujo que había rechazado objetivamente las zonas libres de enfermedades propuestas por la Unión Europea, por lo que las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE no son incompatibles con las obligaciones que corresponden a Rusia en virtud del Acuerdo MSF.

Rusia adujo que la prohibición relativa a toda la UE no es una MSF. En el caso de que el Grupo Especial considerara que sí lo es, Rusia adujo subsidiariamente que es una medida que está en conformidad, en la medida de lo posible, con las normas internacionales pertinentes (con arreglo al párrafo 1 del artículo 3), y que Rusia tenía justificación para adoptar la prohibición relativa a toda la UE como medida provisional (en virtud del párrafo 7 del artículo 5). Sobre esa base, Rusia adujo que la prohibición relativa a toda la UE no es incompatible con las obligaciones que corresponden a Rusia en virtud del Acuerdo MSF. Rusia también adujo que no aplicó sus MSF de manera discriminatoria.

El Grupo Especial constató que las alegaciones con respecto a la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE estaban comprendidas en su mandato. El Grupo Especial también constató que la prohibición relativa a toda la UE y cada una de las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE son MSF en el sentido del párrafo 1 del Anexo A del Acuerdo MSF. En relación con las alegaciones relativas a la armonización, el Grupo Especial constató que las prohibiciones de las importaciones de los productos en cuestión procedentes de Estonia, Letonia, Lituania y Polonia no “están en conformidad con” las normas internacionales de la OIE pertinentes, por lo que son incompatibles con el párrafo 2 del artículo 3 del Acuerdo MSF. El Grupo Especial también constató que la prohibición relativa a toda la UE, así como las prohibiciones impuestas a las importaciones de productos sometidos a tratamiento para asegurar la destrucción de la peste porcina africana (productos tratados) procedentes de Estonia, Letonia, Lituania y Polonia y a las importaciones de productos no sometidos a tratamiento para asegurar la destrucción de la peste porcina africana (productos no tratados) procedentes de Estonia, Lituania y Polonia, no están “basadas en” las normas de la OIE y, por consiguiente, son incompatibles con la obligación de Rusia de “basar” sus MSF en normas internacionales, de conformidad con el párrafo 1 del artículo 3 del Acuerdo MSF. Además, el Grupo Especial constató que la prohibición impuesta a los productos no tratados procedentes de Letonia está “basada en” las normas internacionales pertinentes y por tanto es compatible con el párrafo 1 del artículo 3 del Acuerdo MSF.

Con respecto a la adaptación a las condiciones regionales, el Grupo Especial constató que Rusia reconoce los conceptos de zonas libres de plagas o enfermedades y zonas de escasa prevalencia de plagas o enfermedades respecto de la peste porcina africana y que, por lo tanto, la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE no son incompatibles con las obligaciones que impone a Rusia el párrafo 2 del artículo 6 del Acuerdo MSF. El Grupo Especial también constató que, a fecha 11 de septiembre de 2014, la Unión Europea había facilitado a Rusia las pruebas necesarias para demostrar objetivamente, de conformidad con el párrafo 3 del artículo 6 del Acuerdo MSF, que hay: i) zonas dentro del territorio de la UE fuera de Estonia, Letonia, Lituania y Polonia que están libres de peste porcina africana y que no es probable que varíen; así como ii) zonas dentro de Estonia, Letonia, Lituania y Polonia que están libres de peste porcina africana y que no es probable que varíen. Sin embargo, la UE no aportó a Rusia las pruebas necesarias para demostrar objetivamente que hay zonas dentro de Letonia que están libres de peste porcina africana y que no es probable que varíen. El Grupo Especial también constató que Rusia no adaptó la prohibición relativa a toda la UE ni las prohibiciones impuestas a los productos procedentes de Estonia, Letonia, Lituania y Polonia a las características sanitarias y fitosanitarias de las zonas de origen de esos productos ni a las características sanitarias y fitosanitarias relacionadas con la peste porcina africana de Rusia. Rusia tampoco realizó una evaluación del riesgo en la que pudiera basar su evaluación de los elementos pertinentes para determinar las características sanitarias y fitosanitarias de las zonas de origen de los productos en cuestión. Por lo tanto, la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones de las importaciones de los productos en cuestión procedentes de Estonia, Letonia Lituania y Polonia son incompatibles con el párrafo 1 del artículo 6 del Acuerdo MSF.

En relación con los procedimientos de aprobación sanitaria y fitosanitaria de Rusia, el Grupo Especial constató que el proceso de consideración por Rusia de la solicitud de reconocimiento de zonas libres de peste porcina en la UE, incluidos los cuatro Estados miembros afectados, está comprendido en el ámbito de aplicación del artículo 8 y el párrafo 1 del Anexo C del Acuerdo MSF; y que Rusia exigió información que no se limitaba a lo necesario a efectos del procedimiento en litigio, por lo que infringió el párrafo 1 c) del Anexo C, lo que implica que ese procedimiento también es incompatible con el artículo 8 del Acuerdo MSF.



Con respecto a la base científica de las medidas, el Grupo Especial constató que la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE no cumplen las condiciones para ser consideradas medidas provisionales de conformidad con el párrafo 7 del artículo 5. Por consiguiente, Rusia no puede acogerse a la exención limitada de las obligaciones establecidas en los párrafos 1 y 2 del artículo 5 y el párrafo 2 del artículo 2 del Acuerdo MSF. El Grupo Especial también constató que Rusia no basó las medidas en litigio en una evaluación del riesgo en el sentido del Acuerdo MSF, por lo que infringió los párrafos 1 y 2 del artículo 5. Además, el Grupo Especial constató que Rusia no ha refutado la presunción de incompatibilidad con el párrafo 2 del artículo 2 derivada de la constatación de infracción de los párrafos 1 y 2 del artículo 5, por lo que las medidas son incompatibles con el párrafo 2 del artículo 2 del Acuerdo MSF.

En relación con la aplicación de las MSF, el Grupo Especial constató que la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE son incompatibles con el párrafo 3 del artículo 5 del Acuerdo MSF porque, al no basar las medidas en una evaluación del riesgo, Rusia podría no haber tenido en cuenta los factores económicos pertinentes enumerados en el párrafo 3 del artículo 5 al evaluar los riesgos de entrada y propagación de la peste porcina africana. El Grupo Especial también constató que la prohibición relativa a toda la UE y las prohibiciones relativas a Estados miembros de la UE son incompatibles con el párrafo 6 del artículo 5 del Acuerdo MSF porque entrañan un grado de restricción del comercio significativamente mayor de lo necesario para lograr el nivel adecuado de protección (NADP) de Rusia. A la luz de esa constatación y del hecho de que Rusia no había refutado la presunción de incompatibilidad con el párrafo 2 del artículo 2 derivada de una constatación de incompatibilidad con el párrafo 6 del artículo 5, el Grupo Especial constató que las medidas son incompatibles con el párrafo 2 del artículo 2 del Acuerdo MSF.

Con respecto a las alegaciones relativas a la discriminación, el Grupo Especial constató que las medidas de Rusia son incompatibles con la primera frase del párrafo 3 del artículo 2 del Acuerdo MSF porque discriminan de manera arbitraria e injustificable entre Miembros en que prevalecen condiciones idénticas o similares. El Grupo Especial también constató que las medidas de Rusia son incompatibles con la segunda frase del párrafo 3 del artículo 2 porque se aplican de manera que constituyen una restricción encubierta del comercio internacional. El Grupo Especial aplicó el principio de economía procesal en relación con las alegaciones formuladas por la Unión Europea al amparo del párrafo 5 del artículo 5.

El Grupo Especial se abstuvo de pronunciarse sobre las alegaciones relativas a la transparencia porque la UE no había establecido una presunción prima facie.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Mejoran las exportaciones de carnes bovinas en junio**

TheCattleSite News Desk 15 August 2016 US - US red meat exports ended the first half of 2016 on a positive note, as June export values for beef were the highest of the year.

June also marked the second consecutive month of solid year-over-year volume growth, according to statistics released by USDA and compiled by the US Meat Export Federation (USMEF), contractor to the beef checkoff.

June beef export volume increased 2 per cent from a year ago to 218 million pounds, while export value was \$545.4 million, down 5 per cent. First-half export volume was up 3 per cent to 1.2 billion pounds, while value fell 10 per cent to \$2.91 billion.

Exports accounted for 13 per cent of total beef production in June. Export value per head of fed slaughter was \$250 in June and \$249.67 for the first half – each down 14 per cent from a year ago.

June beef exports to Japan were the largest in nearly two years at 57 million pounds, up 29 per cent from a year ago. Japan's first-half import data also show a strong rebound in market share for US beef at 38.5 per cent.

"US beef faces a significant tariff rate disadvantage in Japan, and this gap will grow larger unless and until the Trans-Pacific Partnership is ratified," said USMEF President and CEO Philip Seng.

"But rather than dwell on the challenges we face in this market, the US industry needs to capitalise on its opportunities. And USMEF is doing so by educating retail and foodservice buyers about the wide range of US beef cuts that appeal to their customers. We're pushing well beyond the forequarter cuts traditionally marketed in Japan, and consumers are responding in a very positive way."

Strong US beef exports were also reported in Mexico, South Korea and the ASEAN region.

### **Baja en el precio de los forrajes estimulará mayor producción de carnes en 2017**

17 August 2016 US - Today, we review the livestock and poultry numbers in last Friday's World Agricultural Supply and Demand (WASDE) report from the US Department of Agriculture, write Steve Meyer and Len Steiner.



WASDE analysts' expectations for lower feedstuff costs filtered-through to their livestock and poultry forecasts, but the changes in production numbers were rather modest.

For the current year (2016), total red meat and poultry production was reduced very slightly from their July forecast (down 0.1 per cent). None of the 2016 production changes compared to a month ago (August WASDE compared to July's) in the individual commodity break-out (beef, pork, broiler, and turkey) were of a magnitude to deserve lengthy commentary and were clearly not price impacting.

So, essentially USDA reaffirmed their 2016 increase in total red meat and poultry production compared to 2015's of 2.98 billion pounds, or 3.1 per cent.

Looking ahead to 2017, in terms of total red meat and poultry production, WASDE latest forecast is up slightly from their prior estimate (increasing 0.1 per cent from July's).

The WASDE report did state: "Production forecasts for 2017 red meat and poultry are raised as lower forecast feed prices are expected to encourage increased production."

Year-over-year USDA forecasts US total red meat and poultry production in 2017 will increase by 2.8 per cent. According to USDA, 2017's beef production is set to rise 3.4 per cent compared to 2016's, pork to increase 2.4 per cent, broiler to be up 2.6 per cent, and turkey to increase by 2.5 per cent.

On the international trade front, for the US the WASDE report said: "The beef import forecasts for 2016 and 2017 are raised in part due to expectations of increased imports from Brazil beginning in the latter part of 2016".

Importantly, note that even with their Brazil change, large year-over-year declines in US beef imports are forecast in both 2016 and 2017.

Also, they noted that they lowered US broiler exports for 2016 due to the slower pace of exports achieved in June. In the graphics associated with this article, the numbers match the WASDE forecasts for 2016 and 2017.

For pork, essentially no changes were made to WASDE annual import or export forecasts.

Annual average livestock and poultry price forecasts were generally slightly reduced for 2016. This year's annual average slaughter steer price was reduced from the July forecast by about \$1.00 per cwt. to a range of \$124-\$127 per cwt. The annual average slaughter barrow and gilt price for 2016 (live weight basis) also was reduced by about \$1.00 per cwt. to a range of \$47-\$48 per cwt.

For 2017, WASDE put all livestock and poultry prices except for broilers below 2016's. They currently have 2017 slaughter steers in the range of \$118-\$128 per cwt. and live slaughter barrows and gilts \$42-\$45 per cwt.

### **Cambios en la comercialización de hacienda provocan caos el mercado a futuro**

Fonte: The Wall Street Journal, adaptada pela Equipe BeefPoint. 19/08/16 - por Equipe BeefPoint

As enormes oscilações nos mercados futuros de boi gordo dos Estados Unidos levaram alguns operadores a chamá-los de "cassino da carne".

A CME Group Inc., maior bolsa de futuros do mundo, reagiu paralisando a abertura de novos contratos, deixando os pecuaristas com poucas ferramentas para fazer hedge em um mercado que movimenta US\$ 10,9 bilhões ao ano. A CME informou que as negociações físicas de boi se tornaram tão raras que os mercados futuros não conseguem ter as informações necessárias para fixar os preços.

A decisão de impedir a abertura de novos contratos é consequência dos alertas feitos neste ano pela bolsa e por grupos do setor de que problemas no mercado físico estão afetando os futuros — uma crise altamente incomum em um mercado que costuma atrair mais especuladores.

Poucos produtores se queixaram quando os preços do boi atingiram recordes de alta em 2014 e início de 2015. Mas com os preços despencando nos últimos meses para o menor nível em cinco anos, dificuldades financeiras no setor ressaltaram a extensão do problema. A previsão é de que a receita obtida com as vendas de boi deve cair 3,9% este ano, para US\$ 73,6 bilhões, depois de recuar 5,7% em 2015, segundo dados do Departamento de Agricultura dos EUA, o USDA.

Os futuros de boi gordo negociados na CME atingiram a máxima de US\$ 1,4155 por libra-peso antes de cair 22%, para US\$ 1,1580, em um período de sete semanas no primeiro semestre, o que representa uma perda de mais de US\$ 10 mil em um único contrato. Muitos produtores perderam dinheiro quando os preços recuaram ainda mais nos últimos meses, para US\$ 1,07525, o menor nível em cinco anos.

Investidores experientes "estão reduzindo suas posições" no boi gordo, diz Dan Norcini, operador independente de futuros pecuários no Estado de Idaho. "Já não vale a pena correr o risco quando não há motivos para essas oscilações de preços."

Até julho, os volumes de futuros caíram 1,9% ante os mesmos sete meses de 2015, segundo dados da CME. Em relação a 2014, a queda foi de 9,7%.

Cada contrato futuro representa a obrigação de comprar ou vender 40 mil libras-peso (18,1 toneladas), ou cerca de 35 cabeças de boi. Embora poucos operadores na prática entreguem ou recebam o animal, eles olham o preço do gado vendido em leilões e em confinamentos para manter os preços futuros ancorados



no mundo real. Mas mudanças estruturais na forma de negociação dos bois tornam a visibilidade dos preços no mercado físico cada vez mais precária.

Durante quase um século, os processadores e pecuaristas levaram animais para galpões de leilão para comprar e vender milhares de bois quase diariamente em operações em dinheiro. Com o tempo, as viagens de quilômetros de distância desses animais em reboques se mostraram financeiramente ineficientes, então muitos negociantes desistiram das operações físicas diárias.

O número de negócios físicos começou a cair nos anos 80 e hoje apenas um pequeno número de operações à vista — que ocorrem uma ou duas vezes por semana — serve como a base de preço usada pelo resto do mercado. A maioria dos bois entregues aos abatedouros hoje é precificada usando uma fórmula que incorpora o valor do mercado à vista como base. “Alguém vende 40 bois em Iowa e isso tem o potencial de mudar o valor de todo o gado do país”, diz Albers.

Os negócios no mercado à vista geralmente são concluídos na sexta-feira depois do fechamento dos mercados futuros, o que significa que os operadores financeiros trabalham durante a maior parte da semana com dados desatualizados.

A CME listou apenas um contrato futuro de boi gordo desde março e ele vencerá em outubro de 2017. A bolsa criou um grupo de trabalho com pecuaristas para discutir ajustes, inclusive formas de aumentar o número de negócios físicos. Ela já havia limitado as horas de negociação de contratos durante o dia, quando a liquidez é maior, depois de pecuaristas reclamarem que os especuladores tinham um impacto muito grande nos preços no pregão noturno.

“Todos os aspectos dos contratos de boi gordo estão sendo analisados para ver se descobrimos formas de transformá-los em uma ferramenta mais efetiva de administração de risco”, diz David Lehman, diretor de pesquisa de commodities da CME.

A ausência de novos contratos depois de outubro de 2017 tem sido um problema para os pecuaristas que compraram bezerras nos últimos meses. Eles normalmente precisam de 18 meses para engordar e abater os animais, o que significa que os pecuaristas ficarão expostos a possíveis oscilações de preços no fim de 2017.

Alguns apontam os operadores de alta frequência como a causa da oscilação de preços. Mas a CME informou que abrir os mercados para diferentes grupos de investidores, incluindo fundos de hedge e operadores que usam algoritmos, deu liquidez a contratos como os de boi gordo, que costumam atrair menos negociações que ouro e petróleo. Apenas 10% das operações de contratos de boi vieram de investidores de alta frequência em 2015, informou a bolsa.

### **Remates de hacienda on line volverán a realizarse mientras el gobierno investiga el funcionamiento de los mercados ganaderos**

By Tom Polansek, Reuters August 19, 2016 An online U.S. cattle auction that ranchers and traders hope will restore transparency to livestock pricing and reduce volatility in futures contracts is set to resume operations in September following a three-month halt, its owner said on Thursday.

Separately, a U.S. watchdog agency said it will take at least nine months to complete a government review of U.S. cattle markets that was prompted by complaints about a sharp drop in prices last year.

The online auction, called the Fed Cattle Exchange, and the review by the U.S. Government Accountability Office (GAO) aim to address concerns that cash and futures prices do not accurately reflect the markets for cattle. The markets have come under scrutiny following a sharp setback in prices in the second half of last year from record levels reached in 2014.

The Fed Cattle Exchange wants to increase the number of cattle traded in the cash market before slaughter in a bid to provide the sector with a better idea of their value.

It will begin holding weekly auctions on Sept. 14 after fixing technological problems that hampered its first several sessions in May and June, said Danny Jones, president of exchange owner Superior Livestock Auction.

"We are going to go forward with the attitude that this is definitely working now and it's got the weight of the industry supporting it," he said in an interview.

Cash sales of cattle, which producers and meat packers negotiate a few weeks before animals are killed, have dropped over the past decade as producers have increasingly locked in prices months in advance. Futures exchange operator CME Group Inc has said that decline has contributed to high volatility in its cattle market.

Once the auctions resume, the exchange will post results on its website shortly after they conclude, Jones said.

The biggest U.S. meat packers, Cargill Inc, Tyson Foods Inc, JBS USA and National Beef Packing Co , bought cattle on the exchange before Superior suspended auctions in June, participants said.

Separately, the U.S. government's review of cattle pricing is underway and will last at least until May 2017, GAO spokesman Chuck Young said in an interview.





The agency has previously said the review will include an assessment of the impact of high-frequency trading on cattle futures and "what changes may have occurred in the fed cattle market in the past 10 years."

### **APHIS coincide con OIE en status de BSE**

Fonte: MeatingPlace.com, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 16/08/16

O Serviço de Inspeção Sanitária Animal e Vegetal (APHIS) do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) disse que revisou e concorda com a determinação da Organização Mundial para Saúde Animal (OIE) se que 14 países agora têm risco insignificante para encefalopatia espongiforme bovina (EEB).

Esses países são: Bulgária, Chipre, República Tcheca, Estônia, Índia, Coreia, Hungria, Letônia, Liechtenstein, Luxemburgo, Malta, Portugal, Eslováquia e Suíça.

O APHIS considera que todos os países do mundo se encaixam em uma das três categorias de risco para EEB: risco insignificante, risco controlado ou risco indeterminado. Qualquer região não classificada pelo APHIS como apresentando ou risco insignificante ou controlado para EEB é considerada com tendo um risco indeterminado.

De acordo com as regulamentações, o APHIS pode classificar uma região para EEB de duas formas: países que não receberam classificação de risco da EEB podem pedir uma classificação ou o APHIS pode concordar com a classificação dada a um país pela OIE.

## **VARIOS**

### **CHINA será más rica y mejorará la demanda de carnes**

03/08/2016 Crecerá población mundial y prevén que India será la nueva potencia.

China continuará siendo el gran mercado en los próximos 15 o 20 años y según el economista Alfonso Capurro, gerente del Departamento de Consultoría de CPA Ferrere.

En el marco de su disertación en el Seminario Internacional de Producción Ovina, organizado por el Secretariado Uruguayo de la Lana (SUL), en el marco de sus 50 años de vida, el especialista consideró que "la china de los próximos 15 años, para nosotros es mucho mejor, será un país con mucha gente, consumiendo mucho más y menos competitiva con Uruguay. Es una china más rica, que consume y que compra más de lo que nosotros vendemos. El problema es hacer una transición exitosa" hacia ese camino.

Capurro no pasó por alto que la desaceleración que vive hoy el gigante asiático está generando dificultades en el sistema financiero y que empeoró la rentabilidad de las empresas", pero consideró que "se mantiene el control sobre la economía. Hay que quitarle dramatismo a la caída de la economía China", insistió el especialista de CPA Ferrere.

El disertante, que además es Master en Economía en la Universidad de Pompeu Fabra (Barcelona), estimó que en los próximos años se verá a la economía china remando para crecer en el entorno de 6%. "Para países como nosotros no podría ser mejor, si logra una transición exitosa. La china de los últimos años que crecía al 10%, creció exportando, produciendo con mano de obra barata y consumiendo poco", remarcó. Es más, explicó que en un período de 15 años, "una economía que invierte el 40% del Producto Interno Bruto (PIB) consume poco. Si uno ahorra mucho consume poco".

Para Uruguay, China es el principal importador de carne bovina y menudencias —medido en volumen— y es hoy el segundo mercado para la carne ovina con hueso, pero aún hay mucho para crecer en segmentos especializados, el problema de Uruguay es que no tiene más producción.

Capurro brindó buenas noticias para el sector productivo e industrial, pues mostró que la China que se viene, pasa a tener un modelo de crecimiento con consumos y con salarios altos. "El consumo para los próximos años pasará del 47% del PIB al 66% PIB. El problema que tiene China es que tiene que lograr una transición exitosa de un país que exporta con salarios oprimidos, para pasar a ser un país que exporta en base a eficiencia".

Por otro lado, más allá de los problemas, el economista consideró que hay mejores perspectivas para la carne ovina y otros productos uruguayos en Brasil. "Uruguay mejora la competitividad con Brasil y eso vale para nuestras exportaciones, pero también para los mercados en que nos cruzamos afuera. Eso también hace que los brasileños, si bien el PIB está cayendo en volumen, este retroceso del real de 4 a 3,30 (frente al dólar) hace que los ingresos en dólares mejoren un poco y la capacidad de pagar el kilo de cordero en dólares, está un poco mejor y hay mejores perspectivas que hace un año".

También dijo que India "será el más grande del mundo en 2022 en términos de cantidad de personas y Nigeria tendrá más población que EE.UU. en 2050 (datos de ONU). Pero será en Medio Oriente y norte de África donde se dará la mayor explosión demográfica que tendrá el mundo en los próximos años". Todo eso, "es relevante para el rubro ovino, más pobladores son más consumidores, pero también es relevante desde el punto de vista del crecimiento económico".





Mercado. Por su parte, Nils Beaumont, veterinario y especialista en mercado cárnico de la consultora Gira —una empresa de investigación de mercado con sólida reputación mundial—, explicó que “hay países tradicionales que todavía demandan carne ovina. Estoy pensando en Medio Oriente o África del Norte, donde hay una gran población que se está incrementando y una producción limitada por razones climáticas y topográficas. En esos países hay una demanda tanto para cortes de alto valor, para carne de cordero de calidad, así como para carne de animales adultos. En esas zonas también hay mucha gente con menos poder adquisitivo. En esos países, el ovino es la carne preferida”, explicó el experto de Gira. En China, consideró que “hay oportunidades para cortes de alto valor en circuitos especiales de hoteles y en circuitos de alto valor”. Beaumont dijo que “con la demanda creciente, el precio de la carne ovina aumentó mucho” e incluso, “los precios alcanzan unas tres veces el precio de la carne de cerdo”.

### **AUSTRALIA: Ganado engordado a pasto sufre la mayor reducción en la faena**

18 August 2016 According to recently released data from the Australian Bureau of Statistics (ABS), Australian adult cattle slaughter was back 23% year-on-year in June, taking the year-to-June total to just over 3.8 million head, back 18% on the same period last year. The fall was underpinned by a greater decline in grassfed cattle coming through to slaughter\*, back 23% for the year-to-date, while grainfed slaughter declined by just 5% over the same period and, as a proportion of the total kill, increased from 31% to 35%.

The decrease was most noticeable within the female portion (back 22% year-on-year in the first six months), while male cattle slaughter declined to a lesser extent (down 13%). However, the female portion of the kill – 49% for the January to June period, compared to 51% in 2014 and 2015 – does appear to be skewed by the unseasonably large number of dairy cattle processed in southern Australia. In comparison, the proportion of females being killed in Queensland has declined from 49% in the first half of 2015 to 41% this year – a similar ratio to the last herd rebuild phase in 2011-2012.

The year-on-year decline in cattle slaughter over the past six months is on track with MLA’s latest projections and a similar trend is likely to occur in the second half of 2016.

Over the past six months, the cattle kill in:

Queensland was down 20% year-on-year, at 1,697,885 head

NSW was down 15%, at 846,491 head

Victoria was down 19%, at 766,401 head

SA was down 16%, at 199,325 head

WA was down 5%, at 188,907 head

Tasmania was down 5%, at 113,283 head

\*grassfed cattle slaughter is estimated by taking grainfed turnoff, from the ALFA/MLA quarterly feedlot survey, from the ABS national adult cattle kill

### **CHILE: cambian control de uso de hormonas para incrementar la oferta de ganado para exportación**

Fuente: Revista del Campo, 15.08.2016 Si hasta ahora se fiscaliza a los productores que no utilizan estimulantes del crecimiento en bovinos, a contar de noviembre se implementará un sistema inverso, que regula la venta, distribución y uso de estos productos. Con eso, la meta es ampliar la masa ganadera disponible para exportar a los mercados que exigen el no uso de estos productos, como China, Taiwán, Corea y Europa.

En la última reunión de la mesa de la carne, a comienzos de julio, el aplauso fue cerrado. En esa comisión se reúnen los representantes de los productores, ferias, plantas faenadoras, comercializadores y organismos públicos que se relacionan con el sector cárnico, y la presentación de un nuevo sistema para controlar el uso de anabólicos en los animales por parte del Servicio Agrícola y Ganadero (SAG) fue bien recibida por todos los que estaban presentes.

Se trata de un giro en 180 grados a la forma en que se fiscaliza la utilización de estimulantes del crecimiento en los bovinos en Chile. Hasta ahora se exige una serie de requisitos a los productores que no usan hormonas -quienes están suscritos al sistema PABCO, orientados principalmente para exportar a Europa-. Ello ha significado un aumento de costos, que ha llevado a que muchos ganaderos opten por no certificarse como PABCO, con lo cual no pueden exportar a los países que piden garantías de que esa carne no contiene estimulantes de crecimiento.

Ahora, a contar de noviembre el foco se invierte: los predios que no los usen serán declarados libres de anabólicos y, desde ahí en adelante, los que quieran utilizarlos son los que tendrán que registrarse en el SAG. Lo que se busca es aumentar la masa ganadera para exportar a los destinos que están demandando más carne a Chile, como China, que exigen enviar animales sin hormonas. "El 85% de lo que exporta Chile va a mercados que no exigen todos los elementos del PABCO, sino que solo la no presencia de anabólicos, además de que exista un servicio veterinario competente acreditado, programas de control oficial de enfermedades y un sistema de trazabilidad, lo que ya existe", asegura el jefe de la



División de Protección Pecuaria del SAG, José Ignacio Gómez. El nuevo sistema también incluye un control sobre la producción, la importación, la venta y el uso de los anabólicos que no estaba normado en el país, y que exigirá que las empresas, veterinarios y productores lleven un registro formal sobre los movimientos y utilización de estos productos, de los cuales se estima que se importaron alrededor de 700 mil dosis al cierre del año pasado.

Además, permitirá transparentar cuántos predios del país usan estimulantes de crecimiento en sus planteles -algo que no implica riesgos para la salud y para lo cual varios mercados de destino, como Estados Unidos y Canadá, no tienen restricciones-, ya que las únicas estadísticas disponibles dan cuenta de los centros productivos que se han certificado para demostrar que no los usan, alrededor de 700 en todo Chile, considerando también los del rubro lechero.

Hace algunos años, precisamente la falta de datos transparentes llevó a que Chile tuviera que cerrar sus exportaciones a la Unión Europea, puesto que esta exigió que adecuara el sistema, ya que no entregaba información sobre cómo se cumplían las garantías que daba Chile, por lo que se arriesgaba a que la UE tomara medidas.

Más ganado para exportar

A mediados del año pasado se aprobó el acceso de la carne bovina chilena a China y, solo en seis meses, pasó a ser uno de los principales mercados de destino de este producto, con un potencial que en la industria ven lejos de tocar techo.

A pesar del buen panorama, debido al fuerte aumento que muestra año a año el consumo de carnes rojas en ese país, los exportadores nacionales no han podido aprovechar todas las oportunidades, ya que no cuentan con el volumen suficiente de ganado que cumpla con las exigencias de los orientales; es decir, con demostrar que no se les aplican anabólicos.

"Una de las grandes limitantes es que muchas veces, teniendo la posibilidad de cerrar contratos de varios contenedores al mes, nos limitamos a uno o dos mensuales porque no tenemos la disponibilidad suficiente de ganado", detalla Alejandro Anwandter, gerente general de Frigosorno, empresa que ya ha exportado cerca de mil toneladas de carne a China.

Como una medida provisoria, este año el SAG habilitó un sistema de certificación mediante análisis de orina de los animales, lo que permitió incluir a 90 nuevos predios. "No se adhirieron todas las plantas, pero aun así creció la cantidad de predios exportadores... Este nuevo sistema va a ser cien veces más efectivo", asegura José Ignacio Gómez.

Aun así, Alejandro Anwandter comenta que por estos días la empresa tiene reducidos al mínimo los envíos a China por la falta de cabezas, ya que las que existen están a precios muy altos. "Esa realidad podría ser distinta si tuviéramos una disponibilidad de ganado que nos permitiera afrontar una demanda continua. Creo que este nuevo sistema es una solución que se va a ir concretando con el tiempo", plantea. Impulso a la masa ganadera

Aunque China es uno de los mercados más atractivos para las carnes y podría haber impulsado el cambio en el sistema de control del SAG, distintos actores del rubro aseguran que no fue el factor determinante.

El presidente de Fedecarne, Carlos González, asegura que desde 2012, venían solicitando que se implementara un sistema de este tipo. Si bien lo ve como un estímulo para aumentar la masa ganadera, cree que el impacto en el corto plazo será mínimo pues los ganaderos, las faenadoras, las exportadoras y el SAG, ya daban garantías de sanidad e inocuidad.

Para el gerente general de la Asociación Gremial de Plantas Faenadoras de Carne (Faenacar), Rafael Lecaros, el impacto que tendrá el que los predios que no se registren pasen a ser declarados automáticamente como libres de anabólicos, será paulatino y que en un plazo de dos a tres años se podría duplicar la oferta ganadera disponible para exportar.

"Debería también potenciar la crianza y engorda de razas carniceras, como angus y hereford, que logran una madurez fisiológica a una menor edad y pueden prescindir de anabólicos en mejor forma", proyecta.

Otros actores del sector coinciden en que el impacto no se notará en forma inmediata, ya que el ciclo productivo está pasando por un período bajo de las existencias.

"No tenemos predicciones absolutas de cuánto van a aumentar las exportaciones. Hoy hay menos animales, menos carne y, por lo tanto, va a haber menos envíos, pero consideramos que cuando vuelva a estar en régimen la producción y las plantas sigan trabajando como lo han hecho hasta ahora con China, si hoy mandan alrededor de tres contenedores semanales, podrán salir fácilmente entre 20 y 30 contenedores cuando esté la masa ganadera suficiente", proyecta José Ignacio Gómez.

De acuerdo con eso, lo esperable sería que el efecto de la nueva normativa comience a reflejarse en las exportaciones dentro de los próximos dos a tres años, y también el aumento del volumen del ganado disponible, donde también influirían las oportunidades que abren los envíos de animales en pie a distintos mercados.

Un estímulo para los pequeños productores y crianceros

Pese a no utilizar estimulantes del crecimiento, los requisitos que establece el Programa de Planteles Animales Bajo Certificación Oficial (PABCO) pueden resultar caros o engorrosos para algunos



produtores, sobre todo para los medianos y pequeños, por eso no lo suscriben. Pero el cambio que vendrá con el nuevo control del SAG les permitirá acceder al mercado exportador. Lo mismo ocurrirá con los crianceros, que tendrán más opciones de vender sus animales a los predios engorberos para exportación.

"Es un sistema que no solo amplía las posibilidades de exportación para los productores que ya están orientados a eso, sino que también la abre a un eslabón anterior de la cadena, a los crianceros, porque ahora van a ser inimputables", asegura José Ignacio Gómez.

El no usar anabólicos beneficiaría al pequeño productor. "La agricultura familiar campesina, con animales de una condición no tan lechera, sino más bien cárnica, debería verse favorecida por una mayor demanda por terneros, que es el principal producto que ellos tienen", dice Alejandro Anwandter.

La entrada de Brasil a China

El año pasado, las autoridades sanitarias chinas también autorizaron el ingreso de carne bovina brasileña, lo que tuvo un impacto inmediato en los precios, pero que no es visto como una amenaza para las oportunidades que ofrece ese mercado de destino.

"Con la entrada de Brasil, los precios en China cayeron en torno al 20% y si a eso se le suma que teníamos un dólar por sobre los \$700 y hoy está en torno a los \$650, podemos decir que los precios actuales en China son 30% más bajos que cuando se iniciaron las exportaciones desde Chile", afirma Alejandro Anwandter.

Sin embargo, advierte que ese país no puede enviar cortes con hueso, ya que no es libre de fiebre aftosa, y en ese segmento Chile mantiene precios más atractivos.

"En la medida que China siga conociendo cómo comer carne y se incrementa el consumo, y aún con Brasil presente, sigue siendo un mercado con un futuro tremendo", proyecta.

## **EMPRESARIAS**

### **JBS formaliza ante la SEC el pedido de registro de JBS Foods International**

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.08/08/16 - por Equipe BeefPoint

A JBS informou que protocolou na Securities and Exchange Commission (SEC), órgão que regula o mercado de capitais nos EUA, o pedido de registro da JBS Foods International.

A empresa também protocolou na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) o pedido de registro do programa de Brazilian Depositary Receipt (BDRs), recibo de ações de empresas estrangeiras negociadas na bolsa brasileira, da JBS Foods Internacional.

Os pedidos de registro fazem parte do processo de reorganização societária anunciado pela empresa brasileira.

No fato relevante divulgado hoje, a JBS informou também que incluiu o pedido para que os detentores de American Depositary Shares (ADRs), recibo de ações de companhias brasileiras negociadas nos EUA, entreguem suas ações da JBS em troca de ações da JBS Foods International.

A expectativa da JBS é concluir a reorganização societária até o fim de 2016.

### **JBS Mercosul opina sobre la producción sustentable es el único camino posible**

Fonte: Agência Estado, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/08/16 - por Equipe BeefPoint

O presidente da JBS Mercosul, Miguel Gulate, afirmou nesta quarta-feira, 17, que a produção sustentável, seja no campo ou na indústria, não é mais uma opção. "É o único caminho", disse ele, que participa nesta data, em São Paulo, do lançamento do projeto da rede de lanchonetes McDonald's no Brasil, em parceria com a JBS, com o fornecimento de carne sustentável certificada ao restaurante.

"Temos assistido nos últimos anos que essa consciência cresce e muito rápido. A JBS, como parte importante desta cadeia, tomou a iniciativa há muitos anos de fazer uma pecuária sustentável", disse.

O programa piloto é lançado conta com a participação do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), Instituto Centro da Vida (ICV) e Pecuária Sustentável da Amazônia.

A parceria firmada vai possibilitar a oferta de 250 toneladas de carne bovina sustentável certificada nos restaurantes da rede de fast food. A iniciativa é o pontapé inicial de um projeto que pretende atingir toda a proteína bovina da empresa no Brasil.

### **JBS cierre de planta provoca despidos**

19/08/16 - por Equipe BeefPoint Começou, a partir das 8h desta quinta-feira (18), a homologação das demissões dos 525 funcionários da unidade do Frigorífico JBS, em Presidente Epitácio. De acordo com as informações do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Alimentação de Presidente Prudente e Região, os funcionários receberam senhas, sendo divididos em dois grupos. A segunda parte da categoria será atendida nesta sexta-feira (19). Não há tumulto durante o processo. A JBS mantém 795 trabalhadores no município do Oeste Paulista e encerrou as atividades no local no dia 18 de julho.



Conforme o sindicato, os outros 270 trabalhadores continuarão trabalhando na unidade por mais dois ou três meses, até que a empresa execute o fechamento total do espaço. Após esse período, os que aceitarem transferência serão encaminhados para outra unidade, enquanto os demais serão demitidos. O sindicato informou que 20 trabalhadores demonstraram interesse em se transferir para outra unidade da JBS. Já a empresa, ainda segundo o sindicato, calcula que 70 funcionários serão remanejados. O sindicato da categoria ainda falou que dará continuidade ao processo de negociação junto à empresa, com o objetivo de conquistar algum tipo de indenização ou compensação aos funcionários afetados pelo fechamento da unidade em Presidente Epitácio.

### **Inauguran primera planta de desosado en el estado brasileño de Acre**

18/08/16 - por Equipe BeefPoint O governador Tião Viana anunciou que o primeiro frigorífico de desossa de carne bovina do Acre começou a operar nesta quarta-feira, 17. A unidade do frigorífico Frigonosso, em Rio Branco, inicia suas operações de forma experimental, e no auge da produção será capaz de processar de 40 a 50 toneladas de carne, gerando até 150 empregos diretos.

O frigorífico de desossa marca uma mudança grande no cenário industrial e econômico do Acre, fortalecendo o avanço que o estado vem passando. Antes, a carne bovina com osso do Acre era enviada para outros estados, de onde só depois voltava com os formatos dos cortes encontrados no comércio varejista.

Segundo o empresário Murilo Leite, o Frigonosso já atuava com o abatimento de bovinos, numa média de 370 animais por dia. Com a unidade de desossa, começa uma nova fase, agregando valor à carne e se preparando para vender a outros estados e países, além de abastecer o mercado interno.